

ESCOLHA DE CARREIRA: O CASO DOS MÚSICOS, ENTRE O SONHO E A REALIDADE DO MERCADO

Marilene Olivier

Doutora em Administração

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Av. Carlos Orlando de Carvalho, 405, ap. 202 – Jardim da Penha

Vitória – ES (29.060-260)

(27) 3315.2241 e 9943.0329

molivier@terra.com.br

Jane Stein Silva

Bacharel em Administração

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES (ex-aluna)

Rua João Passos de Matos, 336 – Praia da Costa

Vila Velha – ES (29.100-560)

(27) 3329.3078

janekecis@yahoo.com.br

RESUMO

Numa visão de longo prazo o ser humano tem apresentado um alto grau de evolução em termos de conhecimento, domínio tecnológico e qualidade de vida. Nos últimos cem anos, a sociedade passou por intensas transformações que culminaram no mundo globalizado. No entanto, ao se observar a estrutura de valores dela emanados, verifica-se que ainda existem muitos pontos sobre os quais a discussão acadêmica ainda precisa avançar. A escolha da carreira é um deles. Algumas profissões continuam se destacando das demais em termos de remuneração, status e aceitação pelo meio social. Embora cada uma tenha seu valor, elas não parecem receber do mundo organizacional e da própria sociedade um tratamento equitativo. Jovens estudantes são pressionados a fazerem escolhas cujas conseqüências poderão carregar pelo resto da vida. No caso, trata-se este estudo de uma análise a respeito dessa escolha, cuja pesquisa considerou as bandas do Estado do Espírito Santo, bem como profissionais que estão com dupla opção, ou seja, seguindo a carreira de músico e freqüentando um curso superior. Os resultados revelam o dilema desse processo de escolha, as frustrações e dúvidas de quem não perseguiu o sonho, bem como as dificuldades encontradas por quem está na profissão.

PALAVRAS-CHAVE

Escolha de carreira; músico; valores; sonho; mercado de trabalho.

Escolha de carreira: o caso dos músicos, entre o sonho e a realidade do mercado

1 - Introdução

A escolha de uma profissão é imposta ao ser humano quando ainda se encontra em uma idade muito tenra. Talvez por isso encontrem tantas dificuldades quando se trata de um sonho. Quando uma pessoa toma consciência de sua vocação, sabe o que quer, o que vai lhe fazer feliz e os obstáculos lhes parecem menores do que em outras circunstâncias. A existência de maus profissionais nas mais diversas áreas, da frustração da existência de pessoas infelizes em suas profissões, que nelas se mantêm apenas para garantir sua situação financeira, são algumas possíveis conseqüências resultantes do abandono do sonho. Uma pessoa que desiste do sonho, desiste da vida, que passa a não ter sentido. Este ser continua trabalhando, vivendo, mas olhando sempre para um vazio interior, questionando-se sobre o que poderia ter feito.

A conjuntura econômica, a má distribuição de renda e os diversos impostos cobrados pelo governo têm conduzido as pessoas a uma busca por situações que lhes propiciem um retorno financeiro capaz de suprir suas necessidades. No entanto, tal situação acaba por trazer conseqüências funestas ao ser humano, uma vez que estará sempre infeliz consigo mesmo, devido à impossibilidade da realização pessoal. Não basta ao homem atestar a si mesmo sua capacidade de prover, não basta ter o alimento e o abrigo, há que existir um espaço para o sonho, a realização daquilo que abriga no mais recôndito de seu ser, sob pena de tornar sua vida um pesadelo camuflado pelas pseudo-recompensas do mundo organizacional no qual se inseriu.

2 - O problema, objetivos e o método de pesquisa

Escolher uma profissão é uma tarefa árdua à qual se submetem pessoas ainda muito jovens e, portanto, cheias de dúvidas. Fatores como a situação do mercado de trabalho, os valores aos quais as pessoas são submetidas, a própria história das sociedades, influenciam nesta escolha. Ao decidir por uma carreira não convencional, como a de músico, as pessoas se vêem diante de empecilhos muito maiores. Um deles, talvez o mais intenso, é que o próprio mercado musical que não comporta tamanha demanda de indivíduos que desejam adentrar este mundo. É verdade que a indústria fonográfica vem crescendo, mas ainda assim é insuficiente para acenar com um certo grau de confiança àqueles que desejam fazer esta escolha. Por ser uma carreira de longa maturação e curta duração, a preocupação com o futuro torna-se um elemento castrador dessa decisão. Fica-se então entre a busca do sonho e a infelicidade de um a pseudo-integração no mercado de trabalho.

Este trabalho discute razões, motivos e dificuldades que os indivíduos têm na escolha de carreira, com um estudo sobre a profissão do músico. Infelizmente, existem ainda profissões que não são devidamente valorizadas pela sociedade, a de músico é uma delas. Assim é que, por todas as dificuldades que a envolvem as envolve é que as pessoas a adotam como coadjuvante em suas vidas ou apenas como hobby.

Para subsidiar o estudo foi realizada uma pesquisa com os integrantes de bandas surgidas no Estado do Espírito Santo e, também, com pessoas envolvidas com a área da música. Esses atores indicaram outros, que ainda não conseguiram destaque a ponto de serem identificados

de forma espontânea neste mercado, o que possibilitou trabalhar com pessoas que abandonaram literalmente o sonho de se tornarem artistas, aqueles que estão vinculados à música, mas que fizeram opção por outra carreira em paralelo, cursando um curso superior e, aqueles que vivem só da música, como sua profissão. A amostra, de natureza intencional, não pode ser considerada probabilística e, portanto, os resultados obtidos servem como um levantar do véu sobre o tema. O método de coleta de dados incluiu a entrevista e uma variação do “focus group”, permitindo assim, ouvir a opinião dessas pessoas não somente em relação à sua história, mas também à sua percepção sobre o tema.

3 - Resgatando as teorias

Desde a pré-história, conforme Burns; Lerner e Meacham (2001) o utilitarismo vem norteando as ações do ser humano. Tudo era criado em função de sua utilidade, em função da sobrevivência. Os sítios arqueológicos mostram a presença da arte como um elemento simbólico do poder, não do belo; do significado de sua utilidade, não do prazer. Até as mulheres que se enfeitavam com adornos o faziam como forma de obter a proteção daqueles que por elas se interessassem, ostentando-as como objeto de conquista. Para Roberts (2000) as sociedades antigas atribuíam maior valor àqueles que possuíam riquezas, que podiam comprar tudo e todos. A arte era então vista como uma demonstração de poder. O significado do ter surgiu como uma forte influência na vida das pessoas, desde a antiguidade. Da leitura de Moraes (1996) depreende-se que nesse mesmo período já se definia a importância das profissões de acordo com sua utilidade, de acordo com a valorização dos resultados que elas apresentavam. Logo, a arte e a música não estavam ligadas à sobrevivência. Os escravos e sacerdotes preferiam dominar técnicas que propiciavam produtos e serviços mais demandados, garantindo em primeiro lugar sua própria vida. A importância dos deuses então adorados nesse período foi o que deu um pouco mais de status à música, pois ela fazia parte dos rituais para chamá-los e acalmá-los. Posteriormente ela entra na história do homem como um elemento ligado ao seu estado de espírito, às festas e comemorações, não ao dia-a-dia de trabalho comum. Constitui-se um elemento de lazer, não de sobrevivência. A produção de utilitários, de roupas e vasilhames, de serviços como a escrita e as traduções, de serviços médicos e até de adivinhações de sonhos eram mais importantes do que a música, devido à sua utilização direta na vida. A Grécia ficou conhecida na história por suas contribuições às artes. Posteriormente, no período conhecido como Idade das Trevas, menos valorizadas ainda ficavam a música e as expressões artísticas, já que o mundo estava sob o império do medo. O feudalismo, que existiu na Europa e o Império Bizantino no oriente, continuaram a valorizar os aspectos do comércio e as atividades manufatureiras. Os valores existentes eram os da alta aristocracia, do imperador e de seus governantes. De acordo com Crouzet (1994) os artistas trabalhavam para a corte e a igreja, o que fazia de seus trabalhos uma expressão da autoridade absoluta. A arte revela então, os valores dessa sociedade. Apesar do surgimento da Idade Moderna, segundo Pedro (1988) foi somente no século XV que o artista passou a ser valorizado. Não por si mesmo, mas porque pessoas pertencentes ao poder começaram a discutir filosofia, a produzir peças de teatro, a apreciar o belo como a razão de sua própria existência. A aristocracia não existia para o trabalho, mas para a contemplação. Assim, surge o renascentismo, como uma forma útil de suprir as necessidades do poder, portanto, valorizada por eles. A revolução industrial e a revolução francesa são referências para o surgimento de uma nova classe social: o operariado. Na opinião de Falcon (1986) o absolutismo e o mercantilismo então vigentes não atendiam mais às exigências da Revolução Industrial, abrindo-se o espaço para o surgimento do iluminismo, que deu sustentação teórica e prática às transformações que estavam ocorrendo. Os valores tomavam então, outro rumo, buscando-se o bem-estar do “self”. As atitudes tomadas pela sociedade passam então a ser

em função da busca da felicidade, de alcançar o prazer. Mas as sociedades continuam a valorizar, em termos de trabalho, as atividades que proporcionam mais lucro a seus empregadores e/ou que são mais difíceis de serem executadas.

Assim, percebe-se que o trabalho existe desde que o ser humano surgiu sobre a face da terra, mas que o emprego à disposição de outrem a um pagamento por suas atividades, havendo, portanto, uma variação na sua classificação, conceituação e em seu valor.

Com o aparato da tecnologia e as transformações em nível mundial, parece que o trabalho humano e a situação dos trabalhadores vêm piorando sensivelmente. As palavras de ordem são competitividade, redução de custos, produtividade e lucratividade. Não se percebe muita diferença, no caso do trabalhador, em termos de sua escolha de profissão e de realização. É claro que ocorreram grandes mudanças em termos de higiene e segurança no trabalho, de melhorias das condições no ambiente de produção, de garantias ao trabalhador, mas pouco parece ter mudado em termos da visão utilitarista que se tem das profissões e do processo de escolha de uma carreira. As teorias motivacionais, tão discutidas na década de 60, não foram suficientes para sensibilizar os empresários e o mercado em termos de novos valores. Como a vida vem se tornando mais difícil e mais cara, a sobrevivência continua ditando a escolha da profissão. As diferenças sociais cada vez mais intensas, moldam a forma como o mundo deve ser visto. Os trabalhadores continuam sendo um resíduo social não absorvível. A economia capitalista atual é conduzida pela maximização geral e total do lucro, o que fez nascer uma nova forma de moral, própria deste sistema. O culto ao dinheiro e à necessidade de acumulação de lucros e de bens levou o homem a outro conjunto de valores. O homem contemporâneo espelha-se nessa classe e cultua o hedonismo, ou seja, uma busca desenfreada pelo prazer, perante qualquer interesse. A necessidade de satisfação pessoal, auto-realização passa pela satisfação dos desejos daqueles nos quais se espelha, o que implica num consumismo exagerado pelos necessários e pelos supérfluos, transformando-se em massa de manobra da publicidade e propaganda, a serviço de lucros cada vez maiores. O culto ao individualismo e o desprezo aos que menos têm levam o ser humano a não ver o que está a seu lado, a se fazer indiferente ao problema dos outros. Essa indiferença e não exigência de respeito ao próximo é denominada desqualificação moral do sujeito. Questiona-se então, quais são os valores da sociedade contemporânea. Por que determinados produtos encontram mais espaço no mercado que outros, de maior significado para o ser humano. Por que determinadas profissões perderam o valor em relação a outras?

A maioria da população mundial na atualidade, tem que escolher uma profissão ainda muito jovem. O ser humano se vê pressionado a adentrar o mundo mercado de trabalho independente de ter encontrado sua vocação. Muitas pessoas esquecem o verdadeiro sentido da formação profissional, a qual não se resume apenas aos aspectos acadêmicos e da prática em si. Significa amadurecer e ampliar determinadas capacidades inatas à pessoa, ao ser. Este desenvolvimento profissional depende da verdadeira vocação do indivíduo, entendendo a vocação como um condicionamento natural para qualquer ofício ou profissão. Não apenas as habilidades e potenciais intrínsecos da pessoa, mas também uma espécie de chamado destinado a dar sentido à vida do indivíduo, como uma obra a completar. Quando as pessoas seguem sua verdadeira vocação, trabalham no que gostam, existindo, portanto, um significado do trabalho e não um simples meio de obter uma remuneração. A recompensa àqueles que seguem sua vocação é o próprio reconhecimento em si, prático e financeiro. Quando o trabalho é feito dentro desta ótica, a implicação é sempre positiva, com uso intenso da criatividade, satisfação e reconhecimento.

Utilizando como referenciais as imagens arquetípicas do ser humano pesquisados por Rudolf Steiner (1861 a 1925), Moggi e Burkhard (2003) traz uma abordagem mais consciente dos três aspectos fundamentais da existência ou da biografia, na busca da felicidade pessoal e profissional que são: a questão espiritual; a questão da vida; e a questão do trabalho do ser humano contemporâneo. Isso envolvendo não só os aspectos pessoais e familiares, mas também os aspectos profissionais ligados à carreira, à liderança, ao trabalho em equipe e ao papel nas organizações em que as pessoas atuam.

A música, de modo geral, está presente na vida de quase todos os seres humanos e é muito difícil imaginá-los sem ela. Assim, o mundo musical vem ganhando espaço no mercado. Novas bandas estão surgindo e sendo objeto da mídia. A profissão ganha então maior valor e mais adeptos. Milhares de jovens sonham seguir carreira que demonstra com tanta intensidade o retorno tão esperado: reconhecimento, fama, status, dinheiro e o prazer de se fazer o que gosta, sem o sabor amargo da obrigação, do trabalho como um elemento opressor. A verdade é que em outras profissões não se vê claramente todo esse retorno, sobretudo o reconhecimento e o prazer em desenvolver suas tarefas. Constrói-se, a partir daí um sonho, uma utopia em contrapartida à dura realidade do mercado de trabalho enquanto fonte tradicional de sobrevivência, o que significa carreiras como economista, administrador, engenheiro, dentre outras. O'Connor (1999) aponta dez erros crassos que devem ser evitados na carreira, desde começar por caminhos que não são considerados os mais adequados, como a escolha de um curso superior inadequado aos anseios, até a perda dos sonhos e das aspirações. No entanto, a autora mantém-se ainda presa ao ambiente organizacional ao apontar as armadilhas e perigos mais comuns a serem enfrentados por quem está focado no desenvolvimento de sua vida profissional. As táticas e estratégias que apresenta estão muito vinculadas ao mundo formal do mercado de trabalho. Seguir tais conselhos significaria desistir da carreira de músico, por exemplo. Citrim e Smith (2003) por outro lado questiona a visão conformista de algumas pessoas sobre a ascensão profissional, incitando os interessados a pensarem sobre a vida, tendo como objeto uma carreira personalizada. Neste caso, ele propõe a auto-avaliação como uma ferramenta imprescindível à análise das oportunidades externas. Embora o autor já saia um pouco das discussões tradicionais, seus argumentos também têm como base carreiras reconhecidas, em profissões típicas do mercado de trabalho. Não muito diferente dessa visão está o conteúdo de Harvard (2003) que apresenta uma coletânea de artigos focados em receitas de como gerenciar de modo eficiente o trabalho, como agir diante de demissões e de como permanecer competitivos no mercado. Por sua vez, Chiavenato (2002) manteve-se fiel às estruturas tradicionais de carreiras empresariais, analisando aspectos do ambiente organizacional que podem ser analisados e utilizados pelas pessoas como forma de lidar com as variáveis ambientais que interferem no crescimento profissional das pessoas.

A carreira enquanto sonho, foi abordada por Figueiredo (2000) ao mostrar a possibilidade de se atravessar barreiras e tropeços com os quais as pessoas podem se defrontar na busca pelo sonho. Trata os aspectos da autodeterminação e da atitude positiva como elementos fundamentais para se construir o ideal sonhado, para provocar mudanças em processos endurecidos por normas que já não fazem mais sentido na atual conjuntura.

No entanto, alguns fatores parecem se colocar em meio ao caminho a ser percorrido por aqueles que desejam um lugar nesse mundo. Ao que parece, a família é a primeira a se opor, pois o músico ainda não é reconhecido pela sociedade como profissional, embora se encontre seu registro no Código Brasileiro de Ocupações. No Brasil o mundo artístico ainda carrega muito das pechas do passado, sendo visto como um ambiente de boêmios, dependentes

alcoólicos e de drogas, de pessoas que nada fazem e que não são úteis à sociedade. Por outro lado, a indústria fonográfica enfrenta os problemas dos limites do mercado e da exaustão financeira de seus consumidores. A história revela que atingia um público específico, sem acesso aos grandes saraus e festas da alta sociedade, criando-se assim um nicho para a boemia e a indústria do rádio, da qual a população de baixa renda se valia para ter acesso ao lazer e à imitação do comportamento daqueles que detinham o poder e a renda. Cantores e compositores eram marginalizados. Maisa é um exemplo da resistência da sociedade a essa profissão. Posteriormente, tornou-se esse segmento um caminho adotado para se fazer protesto e manifestações até de ordem política. Os grandes festivais da música popular brasileira constituem-se na máxima dessa expressão. Com o caminho outras manifestações se fizeram, como o movimento tropicalista. Posteriormente, influenciados pelo mercado externo os artistas brasileiros investiram no rock, surgindo bandas como Legião Urbana e Capital Inicial. Os anos 90 foram alvo de vários ritmos, caracterizando uma volatilidade muito grande em termos do significado e duração do sucesso. Mas ainda assim, a profissão do artista continuava marginalizada. A legislação não propiciava a eles as garantias do retorno de seu trabalho, pois as relações de trabalho com as gravadoras eram regidas por contratos unilaterais que beneficiava essas últimas e os empresários que agenciavam os shows. Muitos artistas que não tiveram como planejar suas carreiras e terminaram seus dias na miséria, em albergues ou dependendo da benevolência de familiares. As gerações posteriores, o que inclui a chamada jovem guarda, constitui-se na geração de transição. Alguns conseguiram fazer investimentos para o futuro, outros menos previdentes, encontram-se hoje lutando com processos de dependência alcoólica e/ou química, imersos na depressão, decorrente da necessidade do trabalho, da aceitação e do reconhecimento do público. Esses aspectos foram discutidos por Crichtley (2002). Para o autor, o maior segmento da população mundial é composta por pessoas nascidas entre 1945 e 1952, a famosa geração 'pós- guerra'. Esta geração, a primeira a assumir o controle de suas próprias carreiras, encontra-se atualmente no limiar de uma nova fronteira. Agora, devem aprender a administrar sua aposentadoria.

O contexto atual delinea-se de forma variada, pois embora as oportunidades pareçam maiores, maior também parece ser a manipulação da indústria fonográfica, que no afã de obter lucros manipula e explora o comportamento da população, por meio da criação de carreiras artificiais, ou de pseudo-valores que atingem parcelas específicas da população. Verifica-se, portanto, que embora Picarelli Filho e Wood Jr. (2004) enfatizem muito bem o especialista em questões das mudanças que estão ocorrendo no mundo e no Brasil, continua ainda vigorando o foco para as carreiras tradicionais, à despeito de já se pensar em termos da remuneração por habilidades e competências. Esse conjunto de argumentos e técnicas de pouco valem no ambiente musical, pois muitas vezes essas habilidades e competências são substituídas pelos apelos de marketing que têm como objetivo atingir maior fatia de mercado, independente da qualidade do que está sendo oferecido.

Outro elemento que influencia a ascensão no mundo artístico também pode se dar por influência dos pais, auxiliados ou que contratam a mídia massiva para a promoção da carreira dos filhos. Assim, a carreira do músico no Brasil não depende só do talento das pessoas, mas da boa vontade das gravadoras e das estratégias de marketing. O artista precisa ser divulgado, o público precisa conhecer seu trabalho. Neste caso, a carreira revela uma característica atípica em relação às demais, pois o profissional passa, na verdade, a ser um produto que será exposto e vendido. Assim, como em outros segmentos, nem sempre os melhores produtos são os que alcançam sucesso, ou seja, parece não haver um foco no talento, mas naquilo que possa ser mais vendido. Até o momento a principal fonte de receita de uma banda ou de um artista é o show. Os CD's funcionam como divulgação. De modo geral, a maior parte das vendas dos

CD's vai para as gravadoras. Os lucros dos shows são divididos entre os artistas e o empresário.

Aqueles que desejam seguir a profissão de músico ou de artista, de modo geral, têm um longo caminho a percorrer e grandes investimentos a fazer. Ela difere de outras profissões nesse sentido, pois enquanto um estudante de administração, de direito ou de medicina tem uma expectativa de retorno sobre o investimento de seu tempo de estudo, dos recursos, a incerteza para o músico é que dá o tom da carreira. Carreiras consideradas tradicionais contam com parâmetros definidos para avaliar o resultado de seus trabalhos. Um médico adquire a confiança de seus clientes pelos resultados dos tratamentos que prescreve. Um administrador, pelos resultados da empresa. O músico, no entanto, depende do gosto da população, nem sempre fácil de ser detectado devido à sua extrema subjetividade e diversidade. Nesse sentido Langdon (2001) foi o único autor a afirmar que habilidade e capacidade não bastam, focando a estratégia certa como o ponto fundamental para se ter sucesso na carreira. Baseado em uma ampla pesquisa e em entrevistas com grandes empresários, apresenta vários itens sobre os quais devem refletir aqueles que buscam o sucesso. Isso é importante, porque de acordo com Almeida (2002), no caso da carreira musical, o produto artista e sua produção, apresentam ciclos de vida cada vez mais curtos. Sucessos se sucedem em intervalos de tempo cada vez menores. No passado falava-se em 10, 12 até 18 semanas nas paradas de sucesso. Hoje, esse tempo é muito menor. O público está cada vez mais volátil em suas preferências, infíeis a seus artistas, descartando músicas e shows com uma velocidade muito grande, o que exige maior produtividade desses profissionais. Mas isso não é o bastante, pois essa produção ainda tem que seguir os estilos desejados, o que contradiz a própria profissão, uma vez que cada artista apresenta um estilo próprio, dentro de um segmento musical. Neste aspecto, Whitaker (1997) menciona alguns aspectos da carreira que estão ligados ao processo de globalização, que modificou sobremaneira as relações de mercado. Assim, quando se fala de uma profissão tradicional, isso seria possível mediante o acompanhamento das inovações no mercado, mantendo-se sua área de atuação, ou seja, o profissional de marketing ou de recursos humanos, por exemplo, pode atuar neste segmento sua vida inteira. Um músico assiste a substituição de seu estilo por outro, impossibilitado de mudá-lo, pois está vinculado às suas habilidades, sensibilidades e capacidade de criar. Koonce (1996) destaca a sensível redução dos níveis de segurança no emprego no mundo de hoje, obrigando as pessoas a se voltarem para o gerenciamento da carreira com uma intensidade muito maior do que se fazia antes. Seus argumentos, embora ainda muito vinculados ao mundo organizacional, já apresentam uma certa abertura a novas formas de atuação no mercado de trabalho.

Kooper e Lewis (2003) foram os únicos autores encontrados que tratam como foco a relação existente entre a carreira, a família e a vida em si. Mostra a importância de se conciliar estes três aspectos ao estudar as estratégias utilizadas por casais que decidiram assumir suas carreiras e a postura das empresas em relação a apoiar esse tipo de pessoa. O autor aborda desde os problemas financeiros, do dia-a-dia, até as questões emocionais enfrentados por famílias em que o casal trabalha fora. Esses aspectos não foram discutidos em outras obras e constituem-se em suporte teórico para o caso da carreira musical, uma vez que o processo de escolha e assunção da profissão envolve com forte ênfase, os aspectos por eles descritos.

4 - Tratamento dos dados

Os casos estudados permitiram compreender melhor as diferenças entre a carreira do músico e outras, consideradas mais tradicionais e mais aceitas no mercado de trabalho. O perfil dos entrevistados permitiu agrupá-los da seguinte forma: Grupo A (pessoas que possuem um

curso superior ou alguma profissão tradicional e seguem também a carreira musical); Grupo B (pessoas que têm uma profissão tradicional e gostariam de seguir a carreira musical) e Grupo C (pessoas que escolheram a música como profissão única).

Para os integrantes de todos os grupos, a escolha pela música parece acontecer quando são ainda muito jovens, na infância ou na adolescência. As causas quase sempre estão ligadas a influências de alguém próximo, normalmente familiares ou amigos. Sua incursão neste mundo se dá muito mais pela diversão e pelo prazer.

Grupo A

Para as pessoas que escolheram uma profissão tradicional e também a música o fator reconhecimento é um muito importante e a presença do público torna-se fundamental para que isso ocorra. A opção por um curso superior se deu devido à preocupação como futuro e à insegurança em relação à carreira de músico. É preciso destacar ainda que a opinião da família quanto a profissão do artista foi decisiva para a escolha de um curso superior, como se fosse necessário e obrigatório cumprir a formalidade exigida. O curso de música sequer foi considerado entre as opções pelo fato de a família não tê-lo entre as profissões por ela valorizadas. Os respondentes demonstraram claramente uma certa frustração em termos do caminho seguido, acomodando-se à situação. Entre os obstáculos para continuar a busca pelo sucesso e reconhecimento através da música encontram-se: a necessidade de aperfeiçoamento contínuo, o que é dificultado por seguir uma outra profissão; acompanhar as tendências; freqüentar o meio e os lobbies da indústria fonográfica que não abre muitas oportunidades a quem fez a dupla escolha.

Grupo B

O grupo B constitui-se de estudantes que abandonaram o sonho da música. Todos eles manifestaram-se de forma muito emotiva quando o assunto foi colocado em pauta. Os fatores que conduziram a essa escolha foram: a pressão da família, o reconhecimento da complexidade da indústria fonográfica, o longo tempo de maturação da carreira, a baixa e incerta remuneração durante a maturação da carreira, o curto tempo de sucesso, a insegurança quanto ao futuro, o medo de não alcançar o sucesso, o medo do mercado, o receio de não se adaptar a uma vida tão peculiar e, sobretudo, o receio de decepcionar a família. Em sua opinião a profissão ainda é muito marginalizada pela sociedade e os obstáculos são grandes, havendo inclusive discriminação. O sonho ainda permanece entre seus objetivos, porém de forma distante. O que existe é a frustração, a sensação de perda, de fracasso. A importância da relação com a família ficou em primeiro lugar. Apesar de tudo não existe sentimento de culpa pela escolha feita.

Grupo C

Profissionais capixabas que fizeram a escolha pela carreira de músico constituem um dos estratos da amostra pesquisada. Os respondentes mostraram uma identificação muito grande com o mundo musical, a tal ponto de superar os riscos que a carreira apresentava. A tendência é continuar nessa profissão, só cogitando uma outra em casos extremos de necessidades financeiras. Esse ponto mostra claramente que carreiras tradicionais são mais estáveis e têm um retorno mais certo. A escolha se deu pela certeza de que a música era elemento fundamental em suas vidas, de que outro ramo de atividade os levaria à frustração e à insatisfação permanente. A emoção esteve presente no depoimento da maioria, referindo-se à

música como 'vida', 'paixão', 'razão de viver', 'sonho', 'realização' e expressões assemelhadas. A possibilidade de obter reconhecimento e admiração também foram elementos importantes na decisão. A fama, as músicas cantadas pelo público, o reconhecimento nas ruas, o dinheiro, o estilo de vida noturno constituem-se nos principais retornos esperados com a carreira. Não se falou em moradia, em suprir necessidades físicas, em ter uma empresa como referência de vida e profissão, em possuir bens. O ponto fundamental ficou na presença do público em suas apresentações. Sem ele, a carreira não faria sentido. Além disso, consideram que seu trabalho é sinônimo de prazer e diversão, não se sentindo pressionados por ninguém. A família, elemento de pressão para os dois outros grupos, aqui também desempenha esse papel, porém, não existe uma relação de dependência com essa estrutura social. Apesar das dificuldades financeiras que enfrentam, não se intimidam em pedir ajuda aos familiares e não se sentem sem esperança quanto ao futuro. A única causa de insatisfação com a escolha feita está na incerteza dos locais e contratos para apresentação dos shows. Os obstáculos que percebem quanto a dar continuidade à sua profissão, são semelhantes aos dos outros dois grupos, porém optaram pelo aperfeiçoamento contínuo, dedicando-se somente ao seu trabalho. A ausência da música em suas vidas como ponto central seria sinônimo de fracasso e infelicidade.

5 - Conclusões

Tudo começa como uma simples brincadeira, apenas com alguém querendo se divertir. A medida que o tempo passa, a brincadeira começa a ficar séria e como num passe de mágica é possível ver a carreira que os espera no fim do horizonte. No entanto, o caminho muitas vezes é longo e repleto de armadilhas e obstáculos. Obstáculos estes que deixam muitos no meio do caminho ou ainda desencorajam outros tantos. Este é o processo da escolha de carreira, que envolve muitos aspectos que num impulso ou diante de uma decepção norteiam escolhas definitivas na vida das pessoas.

A personalidade do indivíduo é um fator importante nessa escolha. Pessoas com características mais passivas tendem a seguir influências de outras, mais incisivas ou a desistir facilmente de seu sonho. Pessoas mais decididas tendem a não se importarem com a opinião alheia e a seguir em frente sem pensarem muito nos obstáculos que terão que enfrentar.

Em se tratando da carreira do músico, a pesquisa mostrou aspectos interessantes e enfáticos. Percebeu-se, entre os entrevistados, que eles próprios não se davam conta da forte necessidade de reconhecimento que trazem em si. Além disso, tanto para si quanto na sua percepção do sentimento de pessoas do meio, parece haver uma grande dificuldade de socialização entre os que desejam seguir esta carreira, funcionando a música como um meio velado para suprir esta necessidade. Ao que parece, no meio musical, apesar da rígida competitividade, as pessoas se aceitam mais facilmente do que em outros ambientes, possuem mais coisas em comum e, por estarem fazendo algo que gostam, sentem-se mais livres para se expressarem. As pessoas desejam mostrar suas idéias, opiniões, suas paixões. Assim, a produção é um aspecto muito importante na vida de quem gosta de música. Compor é um sinônimo de satisfação neste ambiente. A questão do reconhecimento pelo trabalho é um elemento muito forte. Receber elogios e perceber admiração por parte das pessoas, faz com o sonho se torne cada vez mais evidente e o orgulho pelo trabalho adentra o mundo do profissional da música.

Mas então, porque as pessoas abandonam seus sonhos. As respostas mostraram que a música ainda não é reconhecida como um bem necessário, havendo, portanto, uma demanda menor

do que a oferta, o que impede que tais profissionais vivam dos frutos de seu trabalho. Outro elemento de peso em termos do abandono da carreira parece ser a família. Preocupados com o futuro de seus filhos, os pais, muitas vezes, não concordam com essa escolha, pois a sociedade ainda não dá mostras de valorizar o meio artístico, tampouco o profissional. Aliando a esses argumentos está a pequena probabilidade de se fazer sucesso e viver da carreira.

Outros elementos inclusos para o abandono do sonho são a curta duração da carreira, a acomodação e o medo de enfrentarem as dificuldades e percalços inerentes à profissão. A conjuntura econômica acaba, assim, sendo um forte elemento desestimulador dessa escolha, pois o medo e a insegurança tomam conta daqueles que sonham com a vida de artista. Como o tempo de carreira é curto, teme-se não alcançar um nível de sucesso suficiente para garantir o restante da vida. Fica o questionamento sobre o que fazer depois que a carreira de músico chegar ao fim. Considerando-se que as exigências para se entrar no mercado de trabalho são cada vez maiores e mais intensas, as pessoas têm medo de seguir seu sonho, porque pode acontecer de passarem anos tentando alcançar o sucesso e não chegarem a lugar nenhum. Então, já terão perdido muito tempo fora do mercado de trabalho, tornando-se difícil sua re-inserção. Isso é suficientemente assustador para qualquer ser humano tão jovem, pois poderão não obter nem uma coisa, nem outra.

Embora as condições de oferta de emprego levem à afirmativa de que em qualquer profissão existem dificuldades a enfrentar, é preciso registrar que o caminho para a carreira de músico é muito mais longo e incerto. Cabe a própria pessoa decidir o caminho a seguir, decidir que rumo tomar, mas não se pode negar que o processo de escolha é mais difícil e mais doloroso e, se para os que estão no mercado, resta a frustração ou a realização, para os que estão chegando ainda fica a pergunta: vale a pena sonhar?

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Murilo Q. A indústria fonográfica, marketing musical e a música capixaba. Monografia. Vitória:UFES, 2002.

BURNS, Edward; LERNER, Robert; MEACHAM, Standish. História da civilização ocidental 2: homem das cavernas às naves espaciais. 40 ed. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

CHIAVENATO, Idalberto. Gerenciando seu maior capital. São Paulo: Saraiva, 2002.

CITRIM, James M. ; SMITH, Richard A . As 5 atitudes para uma carreira espetacular. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

COOPER, Cary L., LEWIS, Suzan. Associando carreira, família e vida. São Paulo: Altabooks, 2003.

CRITCHLEY, Robert K. Reavaliando sua carreira. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

CROUZET, Maurice. História geral das civilizações: a idade média, tempos difíceis. V. 8. São Paulo: Bertrand, 1994.

FALCON, Francisco. Iluminismo. São Paulo: Ática, 1986.

FIGUEIREDO, José Carlos. Como anda sua carreira? São Paulo: Infinito, 2000.

HARVARD BUSINESS REVIEW (org.). Estratégias para gerenciar sua carreira. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

KOONCE, Richard. O poder da carreira: doze hábitos fundamentais para manter-se e vencer. São Paulo: Thonson Pioneira, 1996.

LANGDON, Ken. Cem melhores idéias para construir sua carreira. São Paulo: Best Seller, 2001.

MOGGI, Jair; BURKHARD, Daniel. Assuma a direção de sua carreira: os ciclos que definem o seu futuro profissional. São Paulo: Negócio, 2003.

MORAES, José G. V. Caminho das civilizações: história geral. V. 2. São Paulo: Atual, 1996.

PEDRO, Antonio. História geral. São Paulo: FTD, 1988.

PICARELLI FILHO, Vicente e WOOD Jr., Thomaz. Remuneração e carreira: por habilidades e competências. São Paulo: Atlas, 2004.

ROBERTS, J. M. O livro de ouro da história do mundo. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

WHITAKER, Dulce. Escolha da carreira e globalização. São Paulo: Moderna, 1997.